

Do quilate do ouro ao puro leite romântico: - o que a brasileira tem?

Maria Cristina Cardoso Ribas

Vagner Leite Rangel

Submetido em 18 de julho de 2015.

Aceito para publicação em 17 de setembro de 2015.

Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 51, dezembro de 2015. p. 81-95

POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

(a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Creative Commons Attribution License, permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.

(b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.

(c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.

(d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>

Segunda-feira, 18 de janeiro de 2016

23:59:59

DO QUIRATE DO OURO AO PURO LEITE ROMÂNTICO – O QUE A BRASILEIRA TEM? DO QUIRATE DO OURO AO PURO LEITE ROMÂNTICO – WHAT DOES THE BRAZILIAN HAVE?¹

Maria Cristina Cardoso Ribas*
Vagner Leite Rangel**

RESUMO: Publicado em 1857, *As flores do mal* cruza o Atlântico e se torna, mais de vinte anos depois, a obra-prima dos aspirantes ao título de poeta da geração posterior ao Romantismo brasileiro. Com o desgaste deste, o livro de Charles Baudelaire (1821-1867) é uma das fontes de inspiração estética dos poetas que versejam em pleno declínio da musa romântica. A partir das leituras de “A Nova Geração” (1879) de Machado de Assis, com a perspectiva crítica proposta por Antonio Candido em “Os primeiros baudelairianos” (1973), apresentaremos a crítica machadiana a fim de entendermos um dos sentidos da reflexão proposta por Machado de Assis. Objetivamos esclarecer por que os defeitos apontados pelo primeiro leitor desta geração tornam-se, na visão de Candido, virtudes dos primeiros baudelairianos brasileiros. Nossa hipótese e justificativa: como o objetivo dos críticos é diferente, a avaliação acaba sendo divergente. O que é demérito aos olhos de Machado, torna-se mérito aos olhos de Candido. Não pretendemos discutir o texto do segundo, mas, a partir dele, demonstrar que mais do que mérito ou demérito, importa atentar para um dos sentidos da discussão de 1879. Não se trata, pois, de colocar um ponto final, mas de promover reflexão em torno da discussão machadiana: o que a literatura brasileira tem?

PALAVRAS-CHAVES: Século XIX; Romantismo; Machado de Assis; Antonio Candido;

ABSTRACT: Published 1857, *Les fleurs du mal* arrives in Brazil twenty years after its publication in France, and it becomes the masterpiece of the Brazilian poets afterwards the Brazilian Romanticism. With the end of this literary period, Baudelaire’s book (1821-1867) becomes one of the aesthetic inspiration of the new generation. Departing from the reading of “A Nova Geração”, by Machado de Assis (1879), and considering “Os primeiros baudelairianos”, a review made by Antonio Candido (1973), we will show Machado de Assis’s and Candido’s point of views in order to understand why Machado’s critique is negative and Candido’s is the opposite. While the first sees mistakes, the second sees faults. We do not intend to read extensively Candido’s text, but we will depart from his reading in order to focus on Machado’s discussion: what does the Brazilian literature have?

¹ Como se trata de um título formado a partir das metáforas empregadas por Machado de Assis, no texto em análise, optamos por não o traduzir.

* Professora associada da UERJ, editora-chefe da Revista *Soletras* online e Procientista (UERJ/Faperj), com o projeto *Discussões e Releitura de Literatura na Contemporaneidade*. É autora do livro *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*, resultado da pesquisa empreendida no Arquivo Machado de Assis, Centro de Memória da ABL, e *Leituras na Contemporaneidade: olhares em trânsito*, em coautoria com Paulo Cesar Oliveira. Também é autora de “Releituras: linguisticamente patricios, literariamente rivais” (*Revista Virtual de Letras*, v. 7, n. 1) e “Machado de Assis, intérprete do Rio de Janeiro” (*Guavira*, v. 1, 2014), ambos em coautoria com Vagner Leite Rangel. E-mail: marycrisribas@gmail.com

** Mestrando em Literatura pela UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com pesquisa sobre a relação entre Romantismo, crítica teatral de 1862, realismo teatral e a publicação de *Ressurreição*, o primeiro romance de Machado de Assis, pela Garnier. Resultados parciais desta pesquisa encontram-se em “Romantismo, fábula e insegurança machadiana: releitura de *Ressurreição*” (*Scripta Alumni*, n. 13). Paralelamente, investindo em certa relação temática entre lírica e prosa, pesquisa a poesia machadiana: “Poesia completas ou páginas de assaz Melancolia?” (Machado de Assis em *Linha*, n. 16), em coautoria com Maria Cristina Cardoso Ribas (orientadora), sintetiza o resultado desta pesquisa. E-mail: vagner.rangel@gmail.com

KEYWORDS: *Nineteenth century; Romanticism; Machado de Assis; Antonio Candido;*

1 Introdução

De fato, a hipertrofia significa por vezes um deslocamento de eixo que já é transformação, fazendo paradoxalmente com que a rotina deforme até provocar a emergência de traços diferentes. A agonia de uma corrente literária abre quase sempre dois caminhos: o da próxima corrente dominante, construída em parte sobre a sua herança, e o da sublitteratura passadista que lhe corre paralela por mais ou menos tempo. Cada período literário é ao mesmo tempo um jardim e um cemitério, onde vêm coexistir os produtos exuberantes da seiva renovada, as plantas enfezadas que não querem morrer, a ossaria petrificada de gerações perdidas. *Formação da literatura brasileira*, Antonio Candido (1993, p. 201)

[...] eterna peteca entre a ambição e a vocação [...] *Um homem célebre*, Machado de Assis (1962, II, p. 502)

“Os primeiros baudelairianos” é uma expressão utilizada por Antonio Candido (2011, p. 27), em 1973, para revisar a recepção poética e crítica do livro *As flores do mal* (1985) no Brasil oitocentista. Como a palavra sugere, revisar implica em ver de novo, e o gesto candiano de rever objetiva reavaliar o julgamento do primeiro crítico dessa geração: Machado de Assis, que avaliou, no último quartel do século XIX, a recepção poética de Charles Baudelaire no Brasil. Vale ainda ressaltar: ‘primeiro’, não entendido como sentido originário ou pedra fundamental, mas como anterioridade cronológica que se oferece a um olhar revisionista e, como tal, é sempre passível de atualização. Objetivamos mostrar que este movimento analítico é feito, em um primeiro momento, por Machado de Assis, e, em segundo, por Antonio Candido – dois dos maiores leitores críticos da literatura brasileira.

2 A nova geração

Publicado em 1873, na *Revista Brasileira*, “A Nova Geração” representa, salvo engano, a primeira leitura da história da literatura brasileira a respeito da influência dos versos do poeta francês no Brasil pós-Romantismo. Nela, Machado de Assis denomina os referidos baudelairianos da nova geração – focalizaremos o poeta Carvalho Júnior, cuja poesia apresenta traços acentuados de um dos motivos literários de *As flores do mal*: o corpo, que podem ser prontamente observados; enfoque que se justifica porque a designação machadiana também engloba outras tendências da época, como a poesia de Sílvio Romero.²

² Segundo Bárbara Magalhães e José Américo Miranda (2006), organizadores da última publicação de *Hespérides* em volume, o nome completo do poeta é Francisco Antônio de Carvalho Júnior (1855-1879). Original do Rio de Janeiro, Carvalho Júnior formou-se na Faculdade de Direito de São Paulo em 1877. Como estudante, colaborou com o periódico *A República*, que, como o nome sugere, reunia intelectuais interessados em emancipar o país política e culturalmente. Trabalhou então com Quintino Bocaiúva, Salvador de Mendonça, Lúcio de Mendonça e José de Alencar. Estudioso da poesia brasileira da segunda metade do século XIX e do tratamento de tais poetas, como Carvalho Júnior, na historiografia brasileira,

Por sua vez, o livro de poesias do lírico francês, publicado em 1857, cruza o Atlântico e, mais de vinte anos depois, é acolhido e consagrado como a obra-prima de uma geração de escritores aspirantes ao título de poeta da geração posterior ao Romantismo brasileiro. Com o esgarçamento estético-político dos ideais românticos, aqueles concebidos na primeira metade do século XIX brasileiro, *As flores do mal* foram alçadas a uma das fontes de inspiração, estética e política, para os poetas novos, que, talvez pela imaturidade, segundo Machado, ou talvez pela iconoclastia, segundo Candido, negavam o Romantismo brasileiro. Consonante com a visão candiana, Barros detalha a negação da nova geração:

No Brasil do decênio de 1870 surge uma produção poética que se contrapõe ao Romantismo no cuidado com a forma e no gosto por temas científicos ou desabridamente eróticos, denominada realista, de propalada inspiração baudelairana (do que discorda Machado de Assis no artigo “A Nova Geração”, de 1879), que conta com nomes como os de Carvalho Júnior, Fontoura Xavier e Teófilo Dias. (BARROS, 2009, p. 16-17)

Ora, vale mais uma vez lembrar os motivos de Machado de Assis: sendo a negação uma estratégia discursiva, é elemento constituinte de um discurso paradoxalmente afirmativo. E neste diapasão, a propalada negativa, mesmo considerando as razões citadas, acabavam reforçando ou propondo a manutenção daquilo que pretendiam, de maneira oblíqua, negar (RIBAS, 2008).

3 Se ainda não é o futuro, não é já o passado

O passado a que Machado de Assis se refere é o Romantismo brasileiro em um sentido específico. Trata-se do passado literário inventado pelo Romantismo nacional em sua versão clichê. Machado sabia da falibilidade do critério nacionalista como herança romântica, o que reitera no conhecido trecho de *Instinto de Nacionalidade*:

Um poeta não é nacional só porque insere nos seus versos muitos nomes de flores ou aves do país, o que pode dar uma nacionalidade de vocabulário e nada mais. (1962, vol., III, p.808-809)³

Assim firmado, o elo solidário do Romantismo com tal concepção de Nacionalidade, mais o anseio histórico do brasileiro por uma identidade ‘genuína’ deixam demonstrada a adoção, por parte do intérprete, de: “uma teoria da imitação em que a validação da obra literária estaria condicionada à reprodução da vida e da paisagem nacionais” (RIBAS, 2008, p. 98). Para Machado, herdeiro contumaz da

Fernando Monteiro Barros (2009, p. 16) explica os motivos do relativo desapareço por eles: “A poesia brasileira do final do século XIX e começo do século XX, com raras exceções, costuma ser desvalorizada pela crítica, afeita a práticas literárias que consagram a tematização do nacional e dos problemas sociais como critérios legitimadores do texto. Assim, os poetas do Parnasianismo e do Simbolismo recebem a pecha de nefelibatas e alienados, preteridos várias vezes em prol dos modernistas, que, em seu movimento dessacralizador, operaram um verdadeiro ‘bota-abaixo’ das poéticas predecessoras.”

³ Doravante citaremos apenas a numeração romana, para indicar o volume da Nova Aguilar, e a numeração arábica, para indicar a página do mencionado volume.

obsessão pedagógica do século XVIII, a construção de uma literatura nacional é um projeto muito mais amplo e que faz da crítica um caminho para a formação do leitor.

Implícita está a ideia de que o Romantismo foi para a literatura brasileira o estabelecimento de um ponto de partida. A intensidade desta validação tornou possível afirmar: sem Romantismo, não se acrescentaria o adjetivo “brasileira” à palavra literatura, pois se tratava de literatura portuguesa, ou de literatura em língua portuguesa. O Romantismo foi assim constituído como o equivalente a liberdade, autonomia, criação de um modelo próprio. O fato é que Romantismo acabou significando, para a literatura nacional, o movimento inaugural de nossa modernidade literária (BAPTISTA, 2003); detalhe que, na visão de Machado de Assis, imprimiu legitimidade ao Romantismo, bem como serviu de lição, como ponto de partida, às escolas literárias posteriores. Logo, não poderia ser ignorado pela geração nova – que veementemente o negava por acreditar que o estatuto de novidade e a expectativa de ser inaugural dependiam da negação do modelo anterior ‘imitado’.

Ao considerarmos a data de publicação de *As flores do mal*, 1857, e o cenário literário nacional, percebemos que o Romantismo brasileiro já era um movimento estético com pressupostos e propósitos tão claros quanto preestabelecidos. Como ensina a *Formação da literatura brasileira* (CANDIDO, 1993), a agenda do Romantismo nacional ganhou força política e estética com o fato deste ter coincido com a independência política do país. A política e a literatura, compartilhando o mesmo paradigma, o da formação, tinham um só horizonte de expectativa: designar a brasilidade da então nação independente. Acresce que, além de certa organização teórica, o Romantismo brasileiro foi, poética e prosaicamente, uma escola literária fecunda, que instaurou a literatura dita brasileira por excelência e foi constituindo listagem canônica. Na poesia, alguns nomes se destacaram, mas o de Gonçalves Dias se sobrepõe. Na prosa de ficção, José de Alencar foi, sem dúvida, o maior destaque, sendo quase uma sinédoque de nossa brasilidade literária na primeira metade do século XIX. Prova disso nos dá toda a discussão acerca da cor local – discussão recentemente atualizada por Abel Barros Baptista (2003), que tem proposto, a contrapelo de célebres leituras como a de Afranio Coutinho de *A tradição afortunada*, Antonio Candido da *Formação* e Roberto Schwarz de *Ao vencedor as batatas*, uma leitura menos nacionalista e mais universalizante de Machado de Assis. Retornando aos referidos autores do Romantismo nacional e sem ignorar as validações canônicas que elegem nomes na historiografia literária, vale ressaltar a fecundidade desses dois autores, porque eles produziram criações literárias que foram acolhidas como símbolos da cultura brasileira: o sabiá, a palmeira, a cordialidade dos nativos, e Iracema – para dar alguns exemplos, e com a seguinte ressalva: estes elementos nativos não são meramente nacionalismos de vocabulário com cor local; significam para além de si mesmos, pelo silêncio, pela negação, pela presença e ausência de imagens e palavras que demandam um leitor menos infantilizado e menos afeito a reduzir a complexidade da composição literária a um quadro de amor não correspondido em cenário bucólico. O que, então, seria negativo no passado (romântico) ou negativizado e por quê?

Em alguma medida, portanto, a cena literária anterior à ascensão da nova geração era coesa e produtiva, além de ter nos dado obras de relevo para a literatura brasileira e para a história da literatura brasileira, como o próprio Machado de Assis afirmara em 1865, quando escreve a resenha “*Iracema: José de Alencar*”. Esse breve quadro do Romantismo nacional mostra que, se por um lado o nosso Romantismo não produziu um William Blake, porque era um movimento ortodoxo, como ensina Candido

(1993), por outro lado inaugurou, teórica e ficcionalmente – tanto em poesia quanto em prosa –, a literatura brasileira. Por mais que seja embaraçosa a mistura de tradição e inovação que perpassa o Romantismo brasileiro, não é negando-o de modo radical que a nova geração poderia superá-lo. A crítica literária nacional, aliás, é uma criação romântica (CANDIDO, 1993). A partir das lições da *Formação da literatura brasileira*, podemos dizer que o nosso Romantismo não só teria tornando a literatura produzida no Brasil brasileira, mas também produzido um sistema literário operante: os novos autores, tendo sido leitores, também eram, ainda que minimamente, consequências do Romantismo brasileiro, se visto do ponto de vista sistêmico: produtores, obras e audiência. Arriscamos dizer: a demanda de uma outra ordem de leitura, ainda que do ‘velho passado’, apontava para um outro perfil de leitor em constituição. O que havia de novo, estava, de fato, em que lugar? Na nova geração? Qual o sentido do Romantismo Machado desdenhava?

Talvez tal quadro e tais dados expliquem a ironia desdenhosa do parágrafo inicial de “A Nova Geração”, que chasqueava das conquistas do Romantismo nacional:

Há entre nós uma nova geração poética, geração viçosa e galharda, e, cheia de fervor e convicção. Mas haverá também uma poesia nova, uma tentativa, ao menos? Fora absurdo negá-lo; há uma tentativa de poesia nova, — uma expressão incompleta, difusa, transitiva, alguma coisa que, se ainda não é o futuro, não é já o passado. Nem tudo é ouro nessa produção recente; e o mesmo ouro nem sempre se revela de bom quilate; não há um fôlego igual e constante; mas o essencial é que um espírito novo parece animar a geração que alvorece, o essencial é que esta geração não se quer dar ao trabalho de prolongar o ocaso de um dia que verdadeiramente acabou. (ASSIS, 1962, p. 809)

Embora reconheça a emergência de outra geração, Machado aponta, de saída, o valor estético, inferior em sua avaliação, da nova geração. Somos informados a respeito da qualidade estética desta geração através das metáforas empregadas por ele: “Nem tudo é ouro nessa produção recente; e o mesmo ouro nem sempre se revela de bom quilate” (ASSIS, 1962, p. 809). Também somos informados a respeito de tal qualidade porque o adjetivo que designa nova geração remete à oposição que ela, a nova geração, propõe, em relação ao antônimo do mesmo adjetivo: antiga (geração). Se a nova geração desdenha da antiga, o crítico, ao se valer da metáfora mencionada, parece dar o troco reconhecendo o valor do novo, mas sem que isso desmereça a produção passada. Ao contrário, o ouro da juventude poética não tem sequer qualidade. Sílvio Romero, nominalmente referido como parte deste ouro sem outro quilate senão a aplicação teórica, parece não ter superado esta crítica, levando-a para o lado pessoal, tornou-se, desde então, arquirrival de Machado de Assis, que, diga-se de passagem, não poupou o poeta Romero, que, segundo Barreto Filho (1980), respondeu à crítica machadiana em 1898.⁴ Acertadas as contas, o crítico Machado parece reconhecer o mérito da ideia

⁴ A fim de ilustrar a forte crítica machadiana, veja-se este trecho de “A Nova Geração”: “Os Cantos do fim do século podem ser também documento de aplicação, mas não dão a conhecer um poeta; e para tudo dizer numa só palavra, o Sr. Romero não possui a forma poética. Creio que o leitor não será tão inadvertido que suponha referir-me a uma certa terminologia convencional; também não aludo especialmente à metrificação. Falo de uma forma poética, em seu genuíno sentido. Um homem pode ter as mais elevadas ideias, as comoções mais fortes, e realçá-las todas por uma imaginação viva; dará com isso uma excelente página de prosa, se souber escrevê-la; um trecho de grande ou maviosa poesia, se for poeta. O que é indispensável é que possua a forma em que se exprimir. Que o Sr. Romero tenha algumas ideias de poeta não lhe negará a crítica; mas logo que a expressão não traduz as ideias, tanto importa não

sustentada pela nova geração, que é a negação do passado. Condena, por outro lado, a forma como a negação está sendo proposta:

Já é alguma coisa. Esse dia, que foi o romantismo, teve as suas horas de arrebatamento, de cansaço e por fim de sonolência, até que sobreveio a tarde e negrejou a noite. A nova geração chasqueia às vezes do romantismo. Não se pode exigir da extrema juventude a exata ponderação das coisas; não há impor a reflexão ao entusiasmo. (ASSIS, 1962, p. 810)

Segundo ele, há menos reflexão e mais entusiasmo na nova geração. Na ausência daquele elemento, Machado apresentará o que pensar ser a lição a ser extraída com a sonolência do Romantismo. Vejamos a referida lição:

De outra sorte, essa geração teria advertido que a extinção de um grande movimento literário não importa a condenação formal e absoluta de tudo o que ele afirmou; alguma coisa entra e fica no pecúlio do espírito humano. Mais do que ninguém, estava ela obrigada a não ver no romantismo um simples interregno, um brilhante pesadelo, um efeito sem causa, mas alguma coisa mais que, se não deu tudo o que prometia, deixa quanto basta para legitimá-lo. Morre porque é mortal. "As teorias passam, mas as verdades necessárias devem subsistir". Isto que Renan dizia há poucos meses da religião e da ciência, podemos aplicá-lo à poesia e à arte. A poesia não é, não pode ser eterna repetição; está dito e redito que ao período espontâneo e original sucede a fase da convenção e do processo técnico, e é então que a poesia, necessidade virtual do homem, forceja por quebrar o molde e substituí-lo. Tal é o destino da musa romântica. Mas não há só inadvertência naquele desdém dos moços; vejo aí também um pouco de ingratidão. A alguns deles, se é a musa nova que o amamenta, foi aquela grande moribunda que os gerou; e até os há que ainda cheiram ao puro leite romântico. (ASSIS, 1962, p. 810)

Entendendo a negação em sua força afirmativa, reparemos, então, que Machado não se refere à destruição absoluta do Romantismo, mas ao adormecimento, momento de maré baixa, para que outra geração possa então prosseguir: isso ficará claro posteriormente, quando o próprio Machado apontar tendências românticas na nova geração que se supõe antirromântica – o que se supunha expirado, o Romantismo, encontra-se latente em epígonos da geração que o chasqueara.

4 Nem tudo tinham os românticos, nem tudo tem a nova geração

A Discórdia não é tão feia como se pinta, meu amigo. Nem feia, nem estéril. Conta só os livros que têm produzido, desde Homero até cá, sem excluir... Sem excluir qual? Ia dizer que este, mas a Modéstia acena-me de longe que pare aqui. Paro aqui; e viva a Modéstia, que mal suporta a letra capital que

as ter absolutamente. Estou que muitas decepções literárias originam-se nesse contraste da concepção e da forma; o espírito que formulou a ideia, a seu modo, supõe havê-la transmitido nitidamente ao papel, e daí um equívoco. No livro do Sr. Romero achamos essa luta entre pensamento que busca romper do cérebro, e a forma que não lhe acode ou só lhe acode reversa e obscura: o que dá a impressão de um estrangeiro que apenas balbucia a língua nacional." (ASSIS, 1962, III, p. 828) E, segundo Hélio Guimarães (2004), Romero torna-se então antimachadiano por excelência, tanto em artigos na imprensa quanto no célebre *Machado de Assis: um estudo comparativo*, publicado em 1897 – quase vinte anos depois e depois de ter excluído Machado de Assis de sua *História da literatura brasileira* (1888).

lhe ponho, a letra e os vivos, mas há de ir com elas e com eles. (ASSIS, 1962, I, p. 965)

É bem provável que a nova geração não estava esperando ler tais repreensões nem aula de teoria literária, ao ler o título do artigo da *Revista Brasileira*. O ataque, esboçado no primeiro parágrafo, é desenvolvido e explicitado ao término do segundo. Do quilate do ouro ao puro leite romântico, Machado de Assis não só antecipa as falhas que apontará, mas também sinaliza a imaturidade, anunciada anteriormente, dos aspirantes ao título de poeta da literatura nacional. A imaturidade literária estaria, na visão machadiana, na negatização da legitimidade das já mencionadas conquistas do Romantismo brasileiro, seja no verso, seja na prosa de ficção. Isso porque a nova geração não percebia ou não queria perceber que mais vale o pecúlio – outra metáfora –, cujo caráter transnacional põe em pé de igualdade o elemento estrangeiro e o elemento nacional, do que a originalidade absoluta:

Aborrecer o passado ou idolatrá-lo vem a dar no mesmo vício; vício de uns que não descobrem a filiação dos tempos, e datam de si mesmos a aurora humana, e de outros que imaginam que o espírito do homem deixou as asas no caminho e entra a pé num charco. (ASSIS, 1962, III, p. 835)

Como demonstrado anteriormente, a metáfora do pecúlio, utilizada no segundo parágrafo para sinalizar as conquistas dos autores românticos, evidencia um dos sentidos da passagem que acabamos de citar: não se trata de idolatria do passado, que a geração nova chasqueava, ou de negação absoluta dele, que se tentava superar esteticamente. Já vimos que a negação é um princípio afirmativo pelo viés da obliquidade. Trata-se, antes de tudo, de se beneficiar de formas e recursos literários acumulados pelos escritores da tradição.

Machado de Assis volta a assinalar, então, o papel fundamental dos escritores canônicos para a literatura, seja para sua formação literária quanto para sua continuação, sendo ela feita de modo contínuo ou descontínuo. A tradição, entendida como acervo, parece preceder à maneira, seja ela negativa ou seja ela afirmativa, de exploração literária, parece argumentar Machado de Assis. Estaria, na verdade, retomando de modo bem sintético a discussão proposta em “Instinto de Nacionalidade” (1873), sobretudo quando trata a respeito do caráter híbrido das literaturas nascentes, como a brasileira. A célebre passagem deste ensaio é, no que se refere ao pecúlio e à mestiçagem em literatura, bem incisiva e clara:

Feitas as exceções devidas não se leem muito os clássicos no Brasil. Entre as exceções poderia eu citar até alguns escritores cuja opinião é diversa da minha neste ponto, mas que sabem perfeitamente os clássicos. Em geral, porém, não se leem, o que é um mal. Escrever como Azurara ou Fernão Mendes seria hoje um anacronismo insuportável. Cada tempo tem o seu estilo. Mas estudar-lhes as formas mais apuradas da linguagem, desentranhar deles mil riquezas, que, à força de velhas se fazem novas, — não me parece que se deva desprezar. Nem tudo tinham os antigos, nem tudo têm os modernos; com os haveres de uns e outros é que se enriquece o pecúlio comum. (ASSIS, III, 1962, p. 809)

O que Machado de Assis discutia em relação à cor local e aos símbolos de brasilidade literária, chamando a atenção para a necessidade do pecúlio, que é mestiço por excelência, para a riqueza da literatura, parece-nos que pode ser deslocado para o

contexto da discussão a respeito da nova geração. Parafraseando o autor de *Ressurreição* (1872), poderíamos pensar na seguinte fórmula: nem tudo tinham os românticos, nem tudo tem a nova geração; com os haveres de uns e outros é que se enriquece a literatura brasileira.

Até então, as metáforas empregadas por Machado de Assis operam, em primeiro lugar, como uma forte crítica teórica e estética à nova geração; em segundo, elas mostram a complexidade da sonolência do Romantismo nacional, o que não significa, esperamos ter deixado isso claro, o desmerecimento das obras produzidas com esta orientação estética. É como se, realizado o seu papel, o movimento romântico tivesse que adormecer para que outro pudesse acordar e dar continuidade à ciranda literária, o que explica o uso da palavra “interregno” (ASSIS, 1962, p. 810) para se referir ao Romantismo.

5 O pecúlio não caduca; as metáforas, sim

Considerando o empréstimo de William Shakespeare em *Ressurreição*, o primeiro romance de Machado de Assis, publicado em 1872, e a assimilação de René de Chateaubriand para o indianismo de José de Alencar, parece ficar mais evidente a política dos bens literários defendida por Machado e sintetizada na metáfora do pecúlio. Então, o problema não seria a adoção de outro modelo literário. Ao contrário, sendo as orientações estéticas eventos transitórios, é natural que uma sucede a outra. O problema estaria na presunção da nova geração de dar início à literatura brasileira. Queremos dizer: a pretensão de produzir, depois do Romantismo, outro ponto de partida, outro marco zero.

Ao contrário, a produção desses autores deveria ser vista, como nos sugere a leitura de “A Nova Geração”, menos como um ponto de partida a ser ultrapassado pela nova geração e mais como um ponto de chegada a ser reconhecido por esta mesma geração. É neste sentido que os referidos exemplos de Alencar e Machado tornam-se ilustrativos. O motivo indianista provém de Chateaubriand e a dúvida de Félix, personagem principal de *Ressurreição*, provém de Shakespeare.

Um dos significados da exortação de Machado de Assis é: se o Romantismo brasileiro não tem mais a força de outrora, isso se deve ao caráter passageiro das escolas literárias, o que não significa a desvalorização de suas propostas e obras, o que tornaria a ideia de pecúlio inoperante. Tanto crítico quanto criticados parecem estar de acordo com a ideia de que não havia mais interesse poético nas figuras referidas anteriormente: numa leitura redutora o sabiá, a palmeira e a índia perderam o viço, bem como o condor, “[...] aquele condor que à força de voar em tantas estrofes, há doze anos, acabou por cair no chão, onde foi apanhado e empalhado” (ASSIS, 1962, II, p. 834). Metáforas caducas – diz Machado de Assis – devem ser evitadas. Por outro lado, com sua tendência aconselhadora, pedagógica, propunha que o exemplo dado pelo Romantismo brasileiro devesse ser seguido pela nova geração.

Este singular *modus operandi* estaria presente na teoria e no ideal estético do Romantismo, que, segundo ele, parecia inexistir entre os jovens da nova geração. Machado insistia: “Qual é, entretanto, a teoria e o ideal da poesia nova?” (ASSIS, 1962, p. 811). Além do que ficou dito, a nova geração, desejosa de deixar o passado para trás, mas sem traçar um caminho para o futuro, não conseguia sequer consolidar o presente, o

que explica as palavras iniciais de Machado de Assis: “[...] se ainda não é o futuro, não é já o passado.” (ASSIS, 1962, p. 809).

6 A produção poética da nova geração

[...] Não deixe o seu talento adoecer de preguiça. Embora o descanso seja também necessário, e valha mais a obra perfeitamente gerada, ainda por tardia, que a frequente ou de aborto. (ASSIS, Carta a Magalhães de Azeredo, 14.I.1894; *apud* RIBAS, 2008, p. 99)

Ao analisar a produção poética de alguns poetas da nova geração, Machado de Assis parece querer extrair de tais análises provas que evidenciem a ausência de maturidade e critérios literários, isto é, fundamentos puramente estéticos que orientem a produção dos jovens talentos – reiterando e lembrando que a Revista *Niterói* serviu aos românticos brasileiros e a obra de Chateaubriand, a Alencar; a de Shakespeare, a Machado. Ainda que Charles Baudelaire fosse o ponto de chegada, Machado parece interessado em demonstrar a falta de um ponto de partida consciente da discrepância entre influxo e recepção crítica. Não havendo uma coerência interna, ele aponta os prejuízos da falta de um *modus operandi* para a composição literária, um projeto de trabalho, uma doutrina:

Não falta quem conjugue o ideal poético e o ideal político, e faça de ambos um só intuito, a saber, a nova musa terá de cantar o Estado republicano. Não é isto, porém, uma definição, nem implica um corpo de doutrina literária. (ASSIS, 1962, p. 811)

Em carta a Magalhães há um trecho que merece destaque:

[...] Não descreia das musas; elas fazem mal, às vezes, são caprichosas, são esquivas, mas entregam-se nas horas de paixão e nessas horas os minutos valem por dias. (ASSIS, Carta a Magalhães de Azeredo, 14.I.1894; *apud* RIBAS, 2008, p.99)

A crítica é forte: rimar poesia com política não é uma exclusividade da nova geração. O aconselhamento também é denso: musas são ambíguas, inspiração demanda operações mais complexas. E aí, mais uma vez, o Romantismo brasileiro se torna prova eloquente. É que D. Pedro II financiou o movimento romântico; e assim como ele, o movimento estava empenhado em contribuir com a missão nacional posterior à nossa independência política, a saber: a construção da imagem nacional, que deveria ser distinta da imagem colonial e, por consequência, da portuguesa (CANDIDO, 1993) – obra política que contou justamente com o apoio da literatura romântica. A união dos ideais se deu e nem por isso a literatura romântica foi monárquica, embora em favor da *doxa*. As referidas obras de Gonçalves Dias e José de Alencar são provas do argumento machadiano. E tal conjunção não significou falta de uma doutrina literária.

A passagem anterior torna-se peça fundamental para entender a discussão proposta por Machado de Assis, cuja metáfora do pecúlio nos ajuda a entender: a literatura nacional (no caso a nova geração) deveria aprender com o Romantismo, no que se refere à doutrina, a fim de construir sua poética, e evitar que dados ditos extraliterários se tornassem o centro da literatura (poesia) –, e isso mesmo sabendo que

a literatura brasileira não tinha condições de ser esteticamente independente do influxo externo.

Ao tratar da influência da estética realista, Machado deixa bem claro o sentido da forte crítica que faz à presença de fatores extraliterários: “O realismo não conhece relações necessárias, nem acessórias, sua estética é o inventário.” (ASSIS, 1962, p. 82) A literatura não é ciência de Darwin, parece dizer Machado de Assis. Barreto Filho (1980, p. 81), ao tratar da influência do positivismo, darwinismo e da rixa de Sílvio Romero com Machado de Assis, que se acentuou com o episódio de 1879, comenta que o primeiro adotava a visão evolucionista do homem e a tomava de empréstimo para avaliar a cultura nacional, a produção literária era julgada segundo critérios exclusivamente nacionalistas. “Ora, Machado de Assis” – diz Barreto – “é o oposto dessa estética biológica e não acredita em semelhantes sistematizações da realidade humana”. A sua ciência literária parece derivar de outra fonte: nada mais nada menos do que o referido pecúlio, relação necessária entre literaturas e produção autoral – este parece ser o ponto de apoio da crítica machadiana.

Agrava a tensão entre ambos o fato de ser cada um deles, sem sentido oposto ao outro, representativos do caráter popular. Sílvio participa do povo no sentido coletivo, gostava dele com a paixão de um naturalista; observava as suas formas de expressão, os seus costumes, as suas criações; era o homem do folclore. Machado ia buscar no povo o que poderia ser objeto de personalização e de cultura; era o homem da tradição.” (FILHO, 1980, p. 82)

O resultado de visões conflitantes num momento de formação de nossas Letras não poderia ser outro: Sílvio Romero critica negativamente a ausência de tipos e categorias sociais esquematizadas na produção literária de Machado de Assis, ao passo que este “procura o homem e a sua história moral” (FILHO, 1980, p. 82). Na conclusão avaliativa de Barreto Filho (FILHO, 1980, p. 82), com a qual concordamos, “É Machado de Assis, entretanto, o mais genuinamente popular, porque é capaz de sentir e revelar a essência do povo. A obra da tradição supera o folclore porque eleva os caracteres locais ao padrão da universalidade.” A universalidade, no entanto, não se alcança apenas com o dado local, com critérios nacionais restritivos a empréstimos de outras literaturas. Daí a necessidade do pecúlio como argumento em prol de um acervo cultural maior, no que tange à forma e recursos literários já praticados por outros autores, para dar forma à produção nacional (BAPTISTA, 2003). O pecúlio é, em última instância, um argumento em favor da riqueza da literatura brasileira. Restringi-la à critérios excessivamente nacionais e nacionalistas, contrários à influência externa, é limitada; torná-la pobre.

Se assim for, o pecúlio deveria ser o centro das preocupações literárias da nova geração, visto a referida crítica à presunção da aurora humana de um só autor ou escola. Esquecer o passado é deixar para trás, não passado, mas autores responsáveis pela riqueza da literatura:

Refletindo a mentalidade universalista de seu tempo, [Machado] revela-se um leitor extremado da tradição literária ocidental, mostrando dominar sem pejo o texto de nomes como Dante, Shakespeare, Camões, Poe, seja no plano da tradução, seja no da hipertextualidade. Nessa travessia pela Biblioteca do Ocidente [...], apresenta ao público incipiente da literatura brasileira autores canônicos que não eram os da moda francesa então em voga. Ao dar-lhes um lugar, com a inflexão de sua própria voz, dentro do esquema de suas indagações, deles se adona para dar corpo àquilo que propugnara em seu

“Instinto de Nacionalidade: o ‘sentimento íntimo que iria incluí-los na historia da literatura nacional”. (BORDINI, 2008, p.138)

Além do dito, a relação *peculiar*, a literatura brasileira em diálogo com a literatura universal, seria fundamental para concedê-la privilégio em relação a outros discursos, como o científico e/ou o político; estes tornar-se-iam temas da literatura, mas de um modo suplementar. Neste sentido *Iracema*, de Alencar, é exemplar: baseia-se no motivo indianista de Chateaubriand para se voltar à questão política que permeia o encontro do explorador português com o índio americano – saímos da França e entramos no continente americano, apesar de e por causa de um influxo exterior. A questão política é um acessório suplementar da prosa, um de seus temas. Mas a relação necessária está na emulação entre as literaturas, a francesa e a brasileira, que possibilita a reinvenção desta. Feita a emulação⁵, Alencar filiou-se ao motivo indianista, mas ao mesmo tempo, supera seu ponto de partida quando faz dele um ponto de apoio para pensar uma relação circunstancial, que é o mencionado encontro entre raças. O necessário é a literatura encerrar-se na literatura, enquanto o acessório se dá a partir de questões circunstâncias aos agentes envolvidos com tal comércio: autor/nação.

O pecúlio, como argumento de riqueza contra a pobreza das formas restritas ao dado local e como sinônimo de formas literárias fomentadoras de outras formas, deveria ser o ponto de partida e o cerne para a literatura brasileira. O extraliterário seria, portanto, um acessório, algo meramente circunstancial. A crítica ao inventário realista parece se apoiar na ideia de negatização do pecúlio, uma vez que, de modo análogo às ciências sociais e biológicas, as literaturas realista e naturalista, na visão machadiana, se empenhavam em catalogar a sociedade brasileira moderna.

7 Considerações finais

Nem tudo tinham os antigos, nem tudo têm os modernos; com os haveres de uns e outros é que se enriquece o pecúlio comum. (ASSIS, III, 1962, p.109).

Embora tradicional, pois fia-se no cânone da tradição universal do ocidente para deslegitimar outros arranjos literárias, como o representado por Sílvio Romero e pelos primeiros baudelairianos, a crítica de Machado de Assis tem a vantagem de legitimar a produção nacional, isto é, concede ao escritor brasileiro o mesmo estatuto de escritor da tradição universal, independentemente deste fazer parte de uma literatura incipiente.

Alencar não é menos universal do que Chateaubriand. A partir da emulação, o debate entre cosmopolitismo e nacionalismo parece ser deslocado para a discussão em torno de empréstimos apropriados, que passam pelo crivo da assimilação crítica tradição

⁵ De acordo com João Cezar de Castro Rocha (2014, p. 11), a prática da emulação “equivale ao resgate moderno de práticas retóricas progressivamente abandonadas depois do advento do romantismo.” Quer dizer, práticas abandonadas após o advento do romantismo em sua versão clichê, como explicado anteriormente. Porque, neste ponto, o próprio Machado de Assis, na *Semana Literária* de 13 de fevereiro a 08 de maio de 1866, ao olhar para trás, registrou isto: “Todos sabem que a bandeira do Romantismo cobriu muita mercadoria deteriorada”. (ASSIS, III, p. 861, 1962). Portanto, se Alencar emulou Chateaubriand, não podemos afirmar como sugere a explicação de Castro Rocha, o total abandono da prática da emulação.

literária universal. Nem idolatria, nem negação, mas, sim, a relação peculiar – esta poderia ser a grande contribuição da literatura brasileira para a tradição universal do ocidente, parece sugerir Machado de Assis. Nem estrangeiro nem local, a metáfora do pecúlio sugere a força do transnacional, o nacional por meio do manejo de outras literaturas. Uma continuidade que rompe com a origem sem negá-la, ao passo que se afirma.

Retornamos, assim, aos parágrafos iniciais, que reproduzimos: “Não se pode exigir da extrema juventude a exata ponderação das coisas; não há impor a reflexão ao entusiasmo.” (ASSIS, 1962, III, p. 810) A assertiva não deixa de ser uma autocrítica, uma vez que, em 1858, Machado de Assis tinha tal visão restritiva da literatura brasileira: ele negava o passado da Arcádia nacional, ao passo que apoiava as críticas de Ferdinand Denis aos nossos poetas árcades.⁶ Em 1879, ano de publicação de “A Nova Geração”, revisa a opinião de 1858. Ao argumentar que a nova geração não precisa começar do zero, Machado de Assis parece demonstrar o que a literatura brasileira tem como a maior riqueza e traço formador: o potencial para mestiçagem, já presente na metáfora do pecúlio.

Curiosamente, quase cem anos depois, Candido aponta que os poetas baudelairianos da nova geração alargaram o horizonte poético nacional ao acentuarem um pequeno traço da poética do autor de *As flores do mal*: o corpo, como ficou dito. Mesmo sem poética clara e definitiva, alguns deles, como o poeta Carvalho Júnior, foram capazes de ir além da emulação superficial – um dos motivos da crítica machadiana. Importa dizer que a crítica de Candido é, portanto, duplamente positiva: em primeiro lugar, é positiva porque amplia nossa visão acerca da leitura de Machado de Assis, que em 1879 avaliou a influência do francês no calor da hora mas não teve acesso ao desenvolvimento dessa mesma influência em um poeta como Carvalho Júnior, cujo livro de poesia, *Hespérides*, foi publicado postumamente e após a escrita de “A Nova Geração”, o que tornou a avaliação do desempenho do poeta restrita à produção apresentada então. Em segundo lugar, é positiva porque *Hespérides* pode ser considerada uma obra oriunda da força do pecúlio, visto que a acentuação e exploração do corpo, um dos motivos sugeridos por Baudelaire, torna-se a profissão de fé do poeta. Para ilustrar a assertiva a respeito da exploração erótico do corpo feminino em *Hespérides*, citamos “Profissão de fé”, cujo título e conteúdo, lido em seguida, imprimem no leitor a verve poética de Carvalho Júnior (2006, p. 13):

Odeio as virgens pálidas, cloróticas,
Belezas de missal que o romantismo
Hidrófobo apregoa em peças góticas
Escritas num acesso de histerismo

Sofismas de mulher, ilusões ópticas,
Raquíticos abortos do lirismo,
Sonhos de carne, compleições exóticas,
Desfazem-se perante o realismo.

Não servem-me esses vagos ideais
Da fina transparência dos cristais,

⁶ Jean-Ferdinand Denis (1798-1890) foi, entre os estrangeiros presentes no Brasil do século XIX, destacou-se pela contribuição para construção das bases da teoria nacional do Romantismo brasileiro, sendo um dos responsáveis pela tomada de consciência histórica da escola romântica (BOSI, 2006).

Almas de santa e corpo de alfenim.

Prefiro a exuberância dos contornos
As belezas da forma, seus adornos,
A saúde, a matéria, a vida enfim.

A força do influxo exterior, afirma Machado em 1879, pode ser superior às condições nacionais de invenção de uma força literária genuinamente brasileira – não importa. O que importa é perceber que a angústia moderna de invenção de uma estética originalmente, seja nacional como ilustra Romero ou seja antirromântica, como ilustra a nova geração, assemelha-se à dispensa das aquisições do pecúlio literário. Ora, *Hespérides*, ao tomar de empréstimo motivos de *As flores do mal*, ilustra a força do argumento de Machado em favor da riqueza literária, opondo-se assim a critérios unívocos. Se as circunstâncias extraliterárias de nossos autores são brasileiras, isto não implica, necessariamente, em uma literatura exclusivamente nacionalista, visto que a literatura, como argumentara em carta endereçada a Francisco de Castro, é essa “alguma coisa que liga, através dos séculos, Homero e Byron, alguma coisa inalterável, universal e comum, que fala a todos os homens e a todos os tempos” (ASSIS, 1962, III, p. 407). Em 1879, data da escrita de “A Nova Geração”, a nova geração da literatura dita brasileira teriam, portanto, todos estes autores à disposição, caso não se orientassem por critérios nacionalistas ou critérios que excluíssem o passado nacional.

A ironia da história é: a revisão de Antonio Candido é o exercício de reavaliação que evidencia a força do referido poema de Carvalho Júnior: o contraste dos corpos – a representação da mulher na poética do Romantismo e esta mesma representação na poética do Realismo de Carvalho só é possível porque o poeta regressa à figuração da mentalidade do poeta romântico e de sua musa para então apresentar e propor a figuração oposta – não havendo esta sem aquela. Na lógica apresentada por Machado de Assis neste artigo, evidencia-se a seguinte lição de poética: se as escolas dormem e suas musas caducam para que outras acordem, o despertar destas não se efetiva sem a sonolência daquelas. De uma perspectiva universal, considerando a produção literária periférica e metropolitana, fica a sugestão de que tanto o influxo externo é superior ao interno quanto aquele está exposto à sonolência e ao despertar de outras escolas. Em outras palavras, a condição periférica pode se tornar um benefício para o autor periférico, se este entender a literatura feita no Brasil como parte da literatura universal, independentemente das condições extraliterárias, sejam políticas ou econômicas, porque o que se chama de literatura é aquela coisa que vai do longínquo Homero ao moderno Baudelaire.

O quilate do ouro, então, não estaria na novidade propriamente dita, mas no ato de vislumbrar essa prática cultural tão antiga quanto o bardo grego e tão nova quanto o admirado poeta francês e que se atende pelo nome de literatura. Modalidade esta que independe de bandeiras localistas e fronteiras geográficas, mas depende, entretanto, de autores de todos os tempos designados nas três sílabas formadoras da palavra tradição.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Vol. I, II e III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1962.

_____. “O passado, o presente e o futuro da literatura brasileira”. In: _____. *Obra completa*. Nova Aguilar, 1962.

_____. “*Tracema*: José de Alencar”. In: _____. *Obra completa*. Nova Aguilar, 1962.

_____. “Instinto de Nacionalidade”. In: _____. *Obra completa*. Nova Aguilar, 1962.

_____. “A Nova Geração”. In: _____. *Obra completa*. Nova Aguilar, 1962.

BAPTISTA, Abel Barros. *A formação do nome: duas interrogações*. Campinas, SP: Unicamp, 2003.

BARROS, Fernando Monteiro. “A POESIA BRASILEIRA DO FIM DO SÉCULO XIX E DA BELLE ÉPOQUE: PARNASIANISMO, DECADENTISMO E SIMBOLISMO”. In: Solettras, Revista do Departamento de Letras da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Ano IX, Nº 17. São Gonçalo: UERJ, jan./jun.2009 Acessado em: <<http://www.filologia.org.br/solettras/17/02.pdf>> Em 24 jul de 2015, pp. 16-27.

BAUDELAIRE, Charles. *Pequenos poemas em prosa*. Trad. Gilson Maurity Santos. Rio de Janeiro: Record, 2006.

BERNARDO, Gustavo. *O problema do realismo em Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BORDINI, Maria da Glória. A virada machadiana nas Ocidentais. In: FANTINI, Marli (Org.). *Crônicas da antiga corte*. Literatura e memória em Machado de Assis. Belo Horizonte: UFMG, 2008. p.123-139.

BOSI, Alfredo. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006.

CANDIDO, Antonio. “Os primeiros baudelairianos”. In: _____. *A educação pela noite*. Rio de Janeiro, Ouro sobre azul, 2011, pp. 27-46.

_____. “A consciência literária”. In: _____. *Formação da literatura brasileira* (vol. II). Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Itatiaia, 1993, pp. 282-327.

FILHO, Barreto. *Introdução a Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Agir, 1980.

GUIMARÃES, Hélio. Romero, Araripe, Veríssimo e a recepção crítica do romance machadiano. *Estudos avançados* [online]. 2004, vol.18, n.51, pp. 269-298. ISSN 1806-9592. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n51/a19v1851.pdf>> Acessado em 18 jul de 2015.

JÚNIOR, Francisco Carvalho. *Hespérides*. Belo Horizonte: Viva voz, 2006. Disponível em: < <http://150.164.100.248/site/e-livros/Hesp%E9rides.pdf>> Acessado em 18 jul de 2015.

JUNQUEIRA, Ivan (Org.) *Charles Baudelaire: as flores do mal*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio/7Letras, 2008.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Machado de Assis: por uma poética da emulação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.